

## DISCURSO E HUMOR: A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* EM PIADAS ÉTNICO-RACIAIS

**Anderson FERREIRA<sup>1</sup>**

Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP<sup>2</sup>

**Ricardo CELESTINO<sup>3</sup>**

Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

### RESUMO

O presente artigo examina a constituição do *ethos* no discurso de humor em piadas étnico-raciais, a partir da investigação das estratégias linguístico-discursivas que influenciam para causar o efeito do humor nesse tipo piadas. Seleccionamos os estudos de Raskin, Propp e Bergson acerca da noção de humor. Tais contribuições mobilizam conhecimentos, teorias e análises que visam a questionar o que é engraçado? Como é engraçado? Contudo, chamamos a atenção para a pergunta: *Por que é engraçado?* E para seu contrário: *Por que não é engraçado?* Privilegiamos como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva, em especial, a categoria de *ethos* discursivo desenvolvida por Dominique Maingueneau. Os resultados revelam que o *ethos* está ligado à validação do discurso em piadas étnico-raciais. Ao construir a imagem de si, o enunciador aciona, no e pelo discurso, voz e corpo em relação de oposição social quase sempre estereotipadas. O *ethos* ora revela uma imagem superior incorporada pelo coenunciador, ora revela uma imagem da vítima nem sempre percebida pelo coenunciador, que, por vezes, é o alvo do próprio escárnio.

**Palavras-chave:** Discurso. *Ethos* discursivo. Humor.

### Considerações iniciais

*“O riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto ridículo e de um sujeito que ri – ou seja, o homem”. (Vladimir Propp)*

O presente artigo tem como tema o estudo da constituição do *ethos* discursivo em uma piada étnico-racial. Partimos da posição adotada por Possenti em suas obras de análise do discurso de humor, atitude anteposta pelo linguista Victor Raskin (1985), cujo objetivo visa a

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: andersonportovelho@gmail.com

<sup>2</sup> Estágio de Doutorado na Universidade do Minho – ILCH, de janeiro a dezembro de 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento – PUC-SP/UFES e a coorientação da Prof<sup>sa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aldina Marques/UMinho - ILCH. Bolsa CAPES. N<sup>o</sup> processo: 9999.099474-0.

<sup>3</sup> Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: ricardo.celestino2003@gmail.com

mobilizar conhecimentos, teorias e análises linguísticas a fim de responder às perguntas: O que é engraçado? Por que é engraçado? Como é engraçado? Contudo, chamamos, também, a atenção para questão: Por que **não** é engraçado?

Para tanto, fundamentamo-nos na Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva e mobilizamos a categoria de *ethos* discursivo para verificar o funcionamento do discurso em sua relação com a identidade e a moral. Num *site* de busca da *Web*, procuramos pela entrada **piadas étnico-raciais** e selecionamos uma piada étnico-racial como amostra. Assim, na primeira parte do presente artigo, visamos a apresentar as condições sócio-históricas de produção da amostra e, por meio delas, discutir as questões de identidade, identidade discursiva e de consciência moral. Na segunda parte, por meio dos estudos realizados por Dominique Maingueneau, discutimos a categoria de *ethos* discursivo a fim de, na análise, operacionalizá-la na amostra selecionada.

### **Identidade e humor: o estereótipo em piadas étnico-raciais**

Nas sociedades contemporâneas e não balizadas, cuja essência se volta à concepção da fragmentação das identidades, uma questão surge: Onde está o *outro*? Não há consciência de si sem a consciência do *outro*, tampouco a consciência de sua *outridade*. Mas é na percepção da diferença que surge no sujeito a consciência identitária. Os valores morais tendem a tomar os sujeitos como iguais, daí podemos falar de imoral ou amoral. A denúncia no humor consiste em revelar nossas diferenças.

Travaglia (1990), ao destacar a função do humor como além daquilo do que é risível, ressalta a importância do humor na vida humana. Segundo ele, o humor é arma de denúncia, o equilíbrio que engendra a ferramenta que visa à manutenção social e psicológica. O humor põe luz em tudo aquilo que é obscuro e unilateral e permite aos homens enxergar outros horizontes e seguir por novas vias. Com isso, é possível observar pseudo-estabilidades e solicitar distintos pontos de vista. O humor, portanto, tira um véu escuro da realidade social em que vivemos. Neste particular, no momento em que desvela uma moral contida no discurso, deixa de ser engraçado.

A primeira condição de existência do riso, conforme Propp (1992), consiste na clareza do justo, da moral, do correto do redente. Ou, ao contrário, ele deve ser à parte de tudo que é considerado justo, moral ou correto. Evocamos outra possibilidade justapostas às anteriores: trata-se bem mais de um contrato de comunicação, como explica Charaudeau (2008, p. 132),

que se define como “um conjunto de condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação”, do que propriamente deixar ou não o casaco da moral na antessala do humor. O *outro*, no humor, está justamente no estereótipo produzido por grupos em relação oposta. A ideiação da diferença constrói no sujeito sua própria identidade. Somos diferentes do *outro*, portanto, somos o que não é o *outro*.

O princípio de *alteridade* constitui-se nesta relação de consciência do *outro*. A construção da consciência identitária do sujeito é fortalecida pelo robustecimento da consciência do *outro*. Neste aspecto, há implicações, uma vez que o sujeito se reconhece semelhante ou diferente do *outro*. A semelhança nasce do compartilhamento, mesmo que parcial, de motivações, finalidades e intenções idênticas. As diferenças, por sua vez, provêm da singularidade que cada um, dentro de sua representação social, desempenha. Portanto, nesse caso, as motivações, finalidades e intenções são distintas.

Desse fato, ocorre o chamado de duplo processo de atração e de rejeição em relação ao *outro*, como enfatiza Charaudeau (2009). A atração ocorre quando se procura absorver o *outro*. Ou seja, “eu gostaria de ter em mim o que vejo no *outro* e que, por não ter em mim, sinto-me incompleto”. Concomitantemente a esse processo, ocorre a rejeição. A diferença, uma vez percebida, torna-se uma ameaça. “Rejeito aquilo que vejo no *outro* porque o percebo superior a mim”. O *outro* me parece ser mais completo. Não aceito seus valores, normas, hábitos, pois tenho os meus próprios valores, normas e hábitos. A consciência moral aqui desaparece, trata-se da sobrevivência do sujeito. Na ocasião em que o julgamento se cristaliza e se torna geral, esclarece Charaudeau (2009), o discurso transforma-se em estereótipo, clichê, preconceito. Em última instância, o estereótipo se materializa como uma arma de defesa do sujeito que rejeita o *outro*.

A estereotipação presente em piadas étnico-raciais revela uma hostilidade, muitas vezes, colossal. Trata-se de clichês coletivos, “um conjunto de crenças compartilhadas que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 215). No entanto, a estereotipação resume-se a avaliações generalizantes. Em piadas, de modo geral, a identidade é representada por meio de estereótipos, todavia, em piadas étnico-raciais, quase sempre o estereótipo é nocivo, porque a constituição da consciência identitária funda-se por meio da rejeição do *outro*.

Não obstante, não se rejeitam somente valores, normas ou hábitos. A rejeição baseia-se, também, naquilo que é considerado defeito, associando-o a conduta moral reprovada, numa sociedade; é, pois, um mecanismo gerador de humor. Segundo Bergson (2007), nessas

relações, a alma está *atenazada* pelas necessidades do corpo, corolário da seguinte lei: “É cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa quando o que está em questão é o moral” (BERGSON, 2007, p. 30).

A comicidade, diz Bergson, é um mecanismo de manutenção da ordem social que opera por intermédio da incursão do temor e da humilhação, portanto, “o riso não pode ser absolutamente justo, tão pouco bondoso, ou não atingiria seu fim” (BERGSON, 2007, p. 148). Deste modo, o estereótipo funcionaria como arma de defesa do sujeito, ou seja, a agressividade entre grupos em relação de oposição consiste em construtos estereotipados pelo *outro* em relação a determinado grupo contrário.

Para Possenti (2010), os estereótipos em piadas são formas características de expressão do simulacro. É uma “identidade pelo avesso - uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (POSSENTI, 2010, p. 40). Acrescentamos: atribuído pelo *outro* com o indício de rejeitar o grupo estereotipado no jogo da construção de identidades.

Tal rejeição, contudo, tem como particularidade a urgência de reconhecimento da sua própria identidade social. Essa rejeição aprofunda a rejeição de ordem moral, mesmo que o efeito de humor explore algum aspecto físico. Não se trata, portanto, apenas de negar normas, valores ou hábitos, mas rejeitar a própria essência do *outro*, rebaixando-o, ridicularizando-o, tatuando preconceitos indelévels na consciência, em última instância, reforçando, os estereótipos. O sujeito, com isso, sente-se superior, neste momento, visa a se legitimar: tomar a palavra nos lugares pelos quais, nutrido de sua identidade social, ele irá percorrer.

Charaudeau (2009) explica que a legitimidade passa por diversos domínios como o jurídico, econômico e o midiático. E, dentro desses domínios, que é regido por lógicas específicas, ela pode ser posta em xeque. Mas existe a legitimidade que é conquistada por força de reconhecimento. Ela pode deslocar-se de um ‘saber fazer’ a um ‘saber dizer’. Ou seja, a legitimidade conquistada pela prática nas instâncias sociais se desloca, de modo natural, ao discurso, mesmo que nesse aspecto o sujeito não seja tão eficiente como no anterior. “Isso porque o premiado, o medalhista, o homenageado, o engajado e a testemunha estão num pedestal”, como indica Charaudeau (2009, p. 315). Vejamos um anúncio de *stand up comedy*:

### **Conheça o Show Viver de Rir - Humor sem imoralidade**

Qui, 22 de Julho de 2010 13:32



Figura 1.

Fonte: Ivanildo Silva, membro consagrado da Comunidade Obra de Maria.

De onde se segue uma pequena biografia do comediante:

Desde criança sempre gostou de contar piadas. Com a experiência religiosa encontrou um campo diferenciado para trabalhar o seu dom e através de contos e causos percebeu que o humor era a melhor forma de falar sério. Em 2001 surge a Dupla DDD (Ambrósio e Grampulino), personagens de evangelização que levam a cultura nordestina através da musicalidade e da irreverência, em shows por todo Brasil e no exterior. Hoje a Dupla tem 2 Cds Gravados, sendo o primeiro, disco de ouro duplo com mais de 100 mil cópias vendidas.

Neste caso, a legitimidade – conquistada por força de reconhecimento e retomada pela pequena biografia do comediante – passa do saber fazer “desde criança sempre gostou de contar piadas” e com a experiência religiosa encontrou um campo (Cf. Possenti, 2010) diferenciado para trabalhar seu dom”; – ao saber dizer “fazer humor de verdade em tempos de mentira” ou (o *show*) “se compromete arrancar riso sem imoralidade, o que não se encontra em apresentações do gênero” (fig. 1).

Nesse deslocamento, o sujeito se marca por uma identidade social determinada, como aponta Charaudeau (2009), por meio da situação de comunicação. Também, pelo anúncio, um *ethos* é acionado, acionando com ele o contrato de comunicação: irá ao *show* aquele que quer ‘ouvir’ piadas “sem imoralidade”. Para esse público, a ativação da consciência moral poderia cessar o riso, se dito ou mostrado pelo *ethos* o que tal público pense ser ofensivo ou imoral. A imagem de si que o enunciador constrói no anúncio ajusta-se ao público-alvo. Propõe-se, deste modo, o contrato de comunicação.

Contudo, pode reconstruir-se a identidade social por intermédio da identidade discursiva. Isso depende de um duplo espaço de estratégias, as quais Charaudeau (2009) nomeia de estratégias de credibilidade e de captação. A primeira passa pela noção aristotélica

de *ethos*. O sujeito precisa – no e pelo discurso – mostrar-se sincero. Segundo o autor, para a construção dessa imagem de si, o sujeito pode valer-se de atitudes discursivas, tais como: neutralidade, distanciamento e engajamento. A segunda, por sua vez, passa pela persuasão, tanto pela razão como pela emoção. Convencer o interlocutor de que o que se diz é verdade. Trata-se do ‘fazer crer’ para o ‘dever crer’. Pode-se também escolher diferentes atitudes discursivas como a polêmica, a sedução e a dramatização.

No caso do *show* (fig. 1) anunciado, as duas estratégias são acionadas. Na credibilidade, a atitude discursiva usada pelo sujeito é a do engajamento. O sujeito toma uma posição “se compromete a arrancar risos sem imoralidade, o que não se encontra em apresentações do gênero”. Na captação, o sujeito revela uma atitude discursiva de sedução “com a proposta de fazer humor de verdade em tempos de mentira”.

Portanto, como indicia Charaudeau (2009, p. 318), “a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sócio- discursivos”. Tanto se constrói para si no ato de comunicação, como é construída por relações interdiscursivas ofuscadas ou apagadas (POSSENTI, 2010), constituindo, pelo outro, o estereótipo de um grupo. Nesse último caso, trata-se das identidades imaginárias que, embora tenha amparo no real, não o reproduz como espelho.

Neste sentido, tanto a identidade discursiva quanto o estereótipo podem ser concebidos como representações imaginárias e construídas no fundamento da sociabilidade e, no caso do estereótipo, acrescenta-se o fenômeno da *redução* no qual ele se funda, o que as teorias de humor nomeiam de *rebaixamento*, quando um grupo social é estereotipado.

### ***Ethos* discursivo e humor**

Na concepção aristotélica, o *ethos*, inclui, no discurso do orador, o caráter pessoal e as virtudes morais do sujeito empírico. No caso das piadas étnico-raciais, a noção de autoridade desloca a relação com o indivíduo que diz, a maioria das piadas e piadas étnico-raciais não tem autoria. O discurso do humor materializado em textos consiste na enunciação presente. O discurso engendra um polifonia, vozes perdidas no tempo e identificáveis. Em outras palavras, o primado do desconhecimento autoral realiza-se de forma determinante em piadas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O caso de processos jurídicos movidos por pessoas vítimas de escárnio de sujeitos públicos é um bom exemplo quando a piada tem autoria.

O que se observa é a oposição entre grupos em ampla concorrência, visto que, como aponta Possenti (2010), o aspecto interdiscursivo entre os grupos é ofuscado, criando a impressão de que o estereótipo se materializa de modo universal. Logo, é a *dimensão social* reverada pela noção de *ethos* o foco de nossa atenção. Mas, para realçar o vestígio da noção, faz-se necessário aludirmos, sucintamente, ao estudo acerca do *ethos* aristotélico.

O *ethos* em Aristóteles (Retórica, 1356a) obtém – dentro da triologia *logos* e *pathos* – uma dualidade. Segundo Eggs (2011, p. 30), se, por um lado, o *ethos* designa as *virtudes morais* do orador as quais Aristóteles nomeia como prudência, virtuosidade e benevolência; por outro, implica uma *dimensão social*. Esta relaciona-se a um grupo de indivíduos, aquela liga-se à pessoa individual. Todavia, não se excluem, são, ao contrário, constituintes das duas faces essenciais de toda atividade argumentativa.

Na *Retórica*, Aristóteles afirma que a credibilidade do orador deve ser mostrada *no e pelo* discurso, ou seja, a imagem de si do orador deve ser um efeito do discurso. O *ethos* mobiliza a afetividade do coenunciador, que contém a virtude moral e a dimensão social. Nesse ponto, surge, em piadas étnico-raciais, uma tensão emergente da consciência moral do ridente e da dimensão social alcançada pela piada. Vale lembrar: dimensão social fundada em estereótipos.

Desta forma, caso a constituição do *ethos* de um grupo social, histórico e economicamente excluído, por exemplo, seja reconhecida no discurso de humor, a recusa do riso é incorporada ao ridente, já que, junto à consciência moral, é acionada, também, a sensibilidade. Como ressalta Bergson (2007), o riso não tem maior inimigo que a emoção. A produção da comicidade ocorre somente numa alma insensível, serena e tranquila. Seu meio natural é a indiferença, o desligamento, ao menos por um instante, da vida profundamente sentimental. Nessa senda, *ethos* e humor não se coadunem.

Para Maingueneau (2008a), o fato de o *ethos* acionar uma instância afetiva por parte do coenunciador que se vê ligado de maneira híbrida ao discurso, pode ter tido consequências importantes na retórica antiga. Duas pelo menos são notáveis: o *ethos* pode inverter a ordem da moral entre o inteligível e o sensível e também entre o parecer e o ser. Esta última, o discurso de humor desmascara, revelando ou flagrando outras possibilidades de visão de mundo.

Como é ligada à afetividade, a construção do *ethos*, à medida que se apresenta mais eficaz, embaça o *logos*, pelo menos no que diz respeito à oralidade, o orador pode mostrar-se através de seu discurso um *ethos* mentiroso. No entanto, o humor, em algumas piadas étnico-

raciais, desembaça o *logos*, tirando o peso ‘moral’ das palavras e revelando um *ethos*, embora estereotipado, veraz para o ridente/coenunciador. Ou, como afirma Possenti (2010), o aspecto identitário no humor é representado, na maior parte das vezes, por estereótipos, ocultando condições sócio-históricas de produção e relações de confronto com uma alteridade, cuja consciência moral pode descortinar.

Contudo, os mecanismos linguístico-discursivos fornecem a possibilidade de criação do riso, deixando em evidência, ao coenunciador, o *logos*, embaçando o *ethos*. Em contrapartida, os mecanismos analisados em certas piadas étnico-raciais serão ineficazes para causar o riso, pois o interdiscuro em seu espaço de trocas engendra a consciência moral, o coenunciador incorpora o *ethos* da vítima e ativa a afetividade, por conseguinte, o riso se cala.

Valores como justiça, honradez, espírito de sacrifício, integridade, generosidade e sentimentos como admiração, vergonha, culpa, remorso, raiva, medo, amor, provocados por esses valores, fazem acionar a consciência moral<sup>5</sup>, que, por sua vez, revela o *ethos* do injustiçado pelo discurso, logo, não rimos. Dessa forma, o coenunciador se vê, como aponta Maingueneau (2008a, p. 16), “ligado de maneira híbrida ao discurso e a ele se compromete sensivelmente”.

A noção de *ethos* possibilita-nos não só verificar os mecanismos persuasivos que funcionam a favor da argumentação, mas também, conforme Maingueneau (2008b, p. 64), “refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento”. É, portanto, nesse ponto, que insistimos em afirmar que a consciência moral, uma vez acionada no discurso de humor, ‘controla’ o riso e define as identidades. Eu sou isso, e não aquilo.

Tal processo, todavia, não é evidente. Como enfatiza Bergson (2007), o riso é sempre um “riso de um grupo” e tem uma função social. Embora tivéssemos por um instante alguma insensibilidade naquilo que é humano, não saboreariam, como procura lembrar Bergson (2007, p. 14), “a comicidade se nos sentíssemos isolados”. O mesmo vale para a cessação do riso.

Mesmo que a consciência moral sugira uma individualidade, é um grupo que ignora ou recusa determinado discurso. Nas piadas étnico-raciais, tal declinação ao discurso está fortemente ligada à concepção de justiça ou injustiça que indivíduos, pertencentes a grupos mais ou menos delimitados, concebem em determinada sociedade e época. Logo, as piadas

---

<sup>5</sup> Aqui, ao nos referirmos à moral, pretendemos mitigar seu aspecto sócio-histórico, para enfatizar a consciência moral ou senso moral no discurso de humor, sobretudo em piadas étnico-raciais.

são engraçadas quando não se mostram ofensivas ao ridente, que, muitas vezes, é a própria vítima do escárnio.

Nessa senda, as relações de confronto com uma alteridade estão alicerçadas não só por grupos opostos, como também pelos mesmos grupos, seja em épocas distintas ou não. O que valida mais uma vez a ideia de Hall (1998) e de Bauman (1998) sobre a fragmentação das identidades e identidades sociais deslocadas na contemporaneidade. Também, acrescentamos a concepção de reflexividade enunciativa e corpo e discurso. Esta última, de acordo com Maingueneau (1997, 2008b), sugere a subjetividade manifestada pelo discurso e pode ser concebida como uma voz que está associada a um corpo responsável pela enunciação. Nas palavras de Maingueneau (1997, p. 47),

[...] o tom, por si só, não recobre, em seu conjunto, o campo do ethos enunciativo. O tom está necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade. O 'caráter' corresponde a este conjunto de traços psicológicos que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. (MAINGUENEAU, 1997, p. 47)

Todo texto, portanto, tem uma voz (vocalidade ou tom) própria que nos permite relacioná-la à caracterização do corpo do enunciador a um fiador. O tom reverberado por esse discurso. Em piadas, o fiador representa uma coletividade, ou seja, um grupo em relação de oposição a outro. Como nos aponta Possenti (2010), há dois discursos, duas posições enunciativas. Mas acrescentemos: há dois discursos não necessariamente de grupos distintos.

Maingueneau (2008b) atribui ao fiador um caráter e uma corporalidade. Esta, associada a uma tendência comportamental, uma inclinação moral; aquela, a traços psicológicos. Além disso, diz:

O ethos implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento. O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 1997, p. 65)

Essa noção de *ethos* discursivo nos permite dizer que, em piadas étnico-raciais, o coenunciador não só se identifica com o fiador, como também participa do seu 'mundo ético'. Isso corrobora com o conceito de identidades em acareação sócio-histórico que se 'gladiam' por meio da criação de estereótipos negativos de um grupo. O humor tende a corrigir e fazer a

manutenção social e psicológica.

A noção de incorporação introduzida para designar a relação que o *ethos* estabelece entre o discurso e seu coenunciador (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008) desvela, concomitante ao seu funcionamento, as relações sociais desgastadas em determinada sociedade. Em outras palavras, as piadas étnico-raciais, na relação de incorporação, deixam transparecer os temas conflituosos entre as identidades imaginárias e construídas.

Para Maingueneau (2008b), a incorporação funciona em três dimensões inseparáveis: a primeira diz respeito ao ato da leitura ou audição, o discurso corporifica o enunciador que passa a ser fiador que legitima o dito; a segunda refere-se ao fato de o coenunciador se apropriar dos esquemas característicos de um fiador; e, por fim, a terceira resulta da incorporação imaginária do coenunciador ao grupo que aceita esse discurso. À primeira dimensão, temos, acerca do discurso em piadas étnico-raciais, dois pontos a acrescentar.

Em primeiro lugar, faz-se necessário um contrato de comunicação, um ‘mote’ ‘contextualizador’. É preciso que se tenha ‘consciência’ de que tudo não passa de uma forma de humor, mesmo que isso não seja totalmente verdadeiro. Logo, é necessário conhecer o gênero de discurso piada. Neste caso, o *ethos* que prevalecerá será sempre o *ethos* superior ou autoritário repercutido pelo ridente. Em segundo lugar, a fonte legitimante dada pelo papel do fiador autoriza ao coenunciador a construção da representação do enunciador. Este juízo cria, muitas vezes, uma falsa identidade, tanto do enunciador quanto do coenunciador. Nos termos de Hall (1998) e de Bauman (1999), cria identidades descentradas ou fragmentadas.

Na segunda dimensão, pode ocorrer a recusa dos esquemas precípuos desse fiador. Nesse caso, surge mais forte o *ethos* de vítima. Caso o *ethos* do enunciador seja recusado ou negado pelo coenunciador, pode ser acionada a consciência moral, assim, o coenunciador não ri da piada, mas incorpora um *ethos* oposto ao que foi mostrado durante a leitura ou audição.

De qualquer forma, em piadas étnico-raciais, mesmo que o coenunciador recuse o humor ali contido, por não se ligar ao mundo ético do fiador, o *ethos* se fará presente. O coenunciador pode incorporar essa identidade aderindo ao discurso de determinado grupo social ou, simplesmente, recusá-lo. A voz e corpo do enunciador, se não apreendida pelo coenunciador, pode deixar rastro de outra voz e corpo construído pelo primeiro, por meio de estereótipos quais podem ser acionados por outras cenografias, dentro de um quadro enunciativo, constituído pelas cenas de enunciação: *cena englobante* e *cena genérica*.

A primeira corresponde a um tipo de discurso, ou seja, confere ao discurso um estatuto pragmático, quais sejam: literário, teológico e filosófico, político *etc.* A segunda diz

respeito ao gênero do discurso que, como o definiu Bakhtin (2010), são tipos relativamente estáveis de enunciados.

Há ainda uma terceira cena com a qual o coenunciador se confronta: a *cenografia*. Tal cena não é imposta pelo gênero, mas é construída pelo próprio texto à medida que a enunciação se desenvolve. Não desenvolveremos a noção de cena de enunciação no presente artigo, apenas tencionamos ponderar que a constituição do *ethos* discursivo só é possível considerando uma cenografia já construída, portanto, ao falar de *ethos*, estamos, desde já, concebendo uma cenografia.

### **A constituição do *ethos* no discurso de humor: piadas étnico-raciais**

O termo *piadas étnico-raciais* revela-se bastante apropriado ao tipo de estudo realizado neste texto, pois tem uma relação intrínseca com a consciência identitária por um lado; e nos permite trabalhar com a moral num sentido mais amplo, por outro. Aliás, nos consente em aproximar o riso, nos termos freudianos, da consciência moral. Na verdade, essa aproximação é uma tensão. O riso, em muitos casos, não compartilha da consciência moral, em outros, ao contrário, o riso é justamente o ‘gatilho’ para tal consciência. Em termos bergsonianos, seria a correção; para Freud, seria o sentimento de culpa, isto é, a tensão entre superego e ego, expressado como necessidade de punição.

Deste modo, selecionamos apenas uma piada étnico-racial para análise por entendermos que as questões a serem observadas são recorrentes nesse tipo de piada. O que muda são os mecanismos linguísticos causadores de humor, estes, por sua vez, são materialidades linguísticas de pouca variação e servem como construto para verificação da noção de *ethos* discursivo. Vejamos a seguinte piada étnico-racial, tomada aqui como discurso, em forma de pergunta e resposta:

#### **Amostra 1**

O que dá o cruzamento de cearense com argentino? R: Um porteiro que pensa ser o dono do prédio.

Seguindo as explicações de Possenti (2010, p. 12), enfrentamos a amostra [1] como um tema controverso. A discussão sobre piadas que versam acerca de temas que não interessam a ninguém ou temas cujo discurso é unilateral não tem propósito, porque, nesses

casos, não seriam piadas, e sim, ofensas pessoais, pregação de ideologias tendenciosas *etc.*

Logo, a piada acima versa sobre um tema controverso, já que seu discurso admite vários pontos de vista. Também, põe em oposição o correto (justo) e o incorreto (injusto), dois discursos opostos que podem ou não acionar a consciência moral do ridente.

O tema da amostra [1] pode ser considerado popular. Possenti (2010, p. 13) considera que “os discursos sobre temas controversos se tornam populares, praticamente anônimos, de tão frequentes, que as piadas começam a aparecer”. Podemos assegurar, portanto, que, pelo menos no Brasil, a amostra [1] é uma piada étnico-racial.

Contudo, focalizamos a duplicidade do escárnio por meio de dois adjetivos pátrios. De um lado está o cearense, pessoa nascida no estado do Ceará, no Brasil, portanto, brasileiro. E, de outro, o argentino, pessoa nascida na Argentina, país na América do Sul, portanto, argentino. Seria a antiga rixa entre brasileiros e argentinos? Talvez. O tema na amostra [1] seria de cearense ou de argentino?

Observa-se que a ofensa é dupla, oriunda de grupos desfavoráveis tanto a cearenses e nordestinos por extensão, quanto a argentinos. Temos pouca ocorrência sobre piadas de cearense no repertório de piadas populares no Brasil, se compararmos com piadas sobre baianos ou gaúchos, por exemplo. No entanto, no Brasil, existem muitas piadas sobre argentinos. O tema sempre versa sobre o orgulho do argentino. O que a resposta confirma: “Um porteiro que pensa ser o dono do prédio”. Então, qual seria o tema controverso presente nesse discurso?

O fato de argentinos serem considerados, pelo menos por alguns brasileiros, arrogantes ou presunçosos é controverso e popular no Brasil, indicando, assim, que ele (argentino) seria o dono do prédio. Todavia, o fato de que todo cidadão nascido no estado do Ceará está fadado a ser porteiro de prédio também é controverso, mas não nos parece uma piada, e sim, um clichê, um preconceito, por fim, um estereótipo. Sabendo que porteiro não é uma profissão prestigiada socialmente, haja vista sua remuneração, condições de trabalho e baixa formação escolar exigida, podemos considerar que o escárnio, nesse caso, trabalha com a generalização de uma constatação da realidade. Alguns porteiros são cearenses, logo todo cidadão cearense só poderá ser porteiro<sup>6</sup>.

A questão do léxico investe um subtema nessa piada: o sexo. Com o item lexical

---

<sup>6</sup> Este fenômeno tem a ver com a migração de nordestinos ao Sudeste, então constituído por uma visão dualista nos anos de 1970, isto é, a valorização da cidade em detrimento do campo. Muitos nordestinos vieram para cidades devido à mão de obra necessária em construções de edifícios, os quais acompanhavam o crescimento de metrópoles como o Rio de Janeiro e São Paulo, e acabaram permanecendo nos próprios prédios por meio de uma ressocialização, onde conseguiam moradia, embora não pudessem, por isso, reivindicar melhores salários e melhorias no trabalho. Todavia, hoje, com o processo de terceirizações, a origem étnico-racial, no campo da profissão, apresenta-se descentralizada nestes termos.

‘cruzamento’, temos uma forma de rebaixamento do cearense e do argentino à condição animalesca e bizarra do tipo: qual é o resultado do cruzamento entre a mula e o orangotango? Chamado cientificamente de hibridação: processo de reprodução entre dois animais de espécies diferentes. Dito de outra forma, cearenses e argentinos não pertenceriam a mesma ‘espécie’, não seriam seres humanos. Seriam de espécies de “raça” cearense e de “raça” argentina, portanto, incompatíveis.

Contudo, o item lexical ‘cruzamento’ não nos remete imediatamente ao prazer sexual, e sim, ao coito de macho e fêmea, embora os adjetivos pátrios estejam no gênero masculino. O adjetivo cearense, que não varia, e o adjetivo argentino, que se refere aos homens daquele país, além de sugerir um ‘cruzamento’ bizarro entre dois machos, torna o ato irreal no sentido biológico. Não obstante, insinua uma homossexualidade dos escarniados, infrequente em piadas de argentinos e de cearenses.

Magalhães (2008), analisando a obra de Raskin (1985), lembra que há três temas para se produzir o humor, quais sejam: etnia, sexo e política. No humor étnico, as oposições são vinculadas às formações sociodiscursivas dos falantes e muito comumente associadas ao que se pensa ser uma boa ou má etnia. Pode existir algum evento histórico anterior a associação. Com efeito, a distorção linguística é evocada pela fonologia, introduzida pelo gatilho necessário a relação de oposições de identidade, “além da superioridade, da auto exaltação de um grupo sobre outro”, como atesta Magalhães (2008, p. 5).

No caso da amostra [1], a distorção linguística está ausente, mas o humor presente na piada ativa uma representação coletiva cristalizada, um lugar-comum, ou, nas palavras de Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 215), “um conjunto de crenças e opiniões partilhadas que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal”. É necessária, portanto, a ativação de conhecimento de mundo dos interlocutores.

Para Travaglia (s/d), é o material linguístico, no caso a própria piada, que irá ativar esse conhecimento. Na verdade, o estabelecimento de efeito de sentido de humor ocorrerá sobre esse plano. O humor étnico, nessa piada, remete à discriminação que, muitas vezes, é associada a outro tema: o humor sexual. E que redundaria também em comparações de cunho social.

Duas identidades são ativadas nessa piada. A primeira, a identidade estereotipada do argentino orgulhoso, muito explorada em piadas de argentinos. A segunda, a identidade estereotipada do cearense, e, por extensão do nordestino, da incapacidade intelectual de assumir cargos socialmente privilegiados. O nordestino, neste particular, estaria fadado a

trabalhar de empregado para os ricos, ocupando sempre cargos inferiores e inexpressivos. O que as novelas, por exemplo, ao selecionarem atores e atrizes nordestinos em papéis secundários, em especial, de empregadas domésticas, porteiros, motoristas de carro, difundiram largamente nas décadas passadas. Sob estas duas identidades, paira uma terceira: a do enunciador, que, por intermédio do fiador, revela um *ethos* superior.

O tom desse discurso de humor é de superioridade. Essa determinação da vocalidade, segundo Maingueneau (2011), implica uma determinação do corpo do enunciador. Mas a piada [1] é complexa, pois o tom de superioridade se sobrepõe as duas outras identidades imaginárias construídas no discurso de humor. A instância subjetiva encarnada no exercício do papel do fiador se deixa conceber pelo coenunciador como superior a um determinado grupo social e étnico. O fiador dá acesso ao mundo ético do qual [ele] faz parte. Nesse momento a complexidade aumenta.

O princípio de *alteridade* é tensionado. Negam-se, ao mesmo tempo, duas identidades. Na luta da ‘sobrevivência’ do sujeito enunciador e da identidade fragmentada, nega-se a identidade estereotipada do cearense, incapaz intelectualmente e nega-se a identidade estereotipada do argentino, cheio de si. Essas incorporações feitas pelo coenunciador consentem a construção de um corpo, segundo Maingueneau (2011, p. 73), “da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso”.

É por meio do *ethos* constituído no discurso, portanto, que o coenunciador é chamado a ocupar um lugar na cena de enunciação que o texto implica. A piada étnico-racial em análise é enunciada por intermédio de uma cenografia detentora de conhecimento e, por esse motivo, faz uma pergunta, que só pode ser respondida pelo próprio enunciador: “O que dá o cruzamento de cearense com argentino?”. Para esses dois grupos, essa piada, talvez, não parece engraçada. Mas para quem não é argentine, tampouco cearense essa piada pode soar muito engraçada.

Segundo Raskin (1985), deve-se buscar descobrir um conjunto de propriedades linguísticas tais que qualquer texto que as apresente será engraçado. Mas não necessariamente para todos que o leiam. Notemos, por exemplo, as piadas de gaúchos. É bem provável que para os gaúchos, elas não têm graça nenhuma. Desta forma, o texto humorístico deve ter, segundo Raskin, propriedades linguísticas que fazem rir. Travaglia (1990) acrescenta a situação, isto é, o texto humorístico deve ter um contexto que é a condição necessária à existência do humor. Portanto, a amostra [1] contém mecanismos linguísticos e discursivos que colaboram com o efeito do humor.

No seu aspecto linguístico, ressaltamos a semântica da palavra ‘cruzamento’ que nos remete ao cruzamento ou coito de animais e nos faz construir uma imagem canhestra para o coito. Nos aspectos discursivos, sobretudo pelas contribuições da Análise do Discurso, podemos notar, no caso do humor étnico-racial, a colaboração para o entendimento de pré-juízos ou pré-conceitos que visam a legitimar a crença de que cearenses são incapazes intelectualmente e argentinos são preguiçosos.

### Considerações finais

O humor aclara para os homens ‘as coisas sérias’ que só são passíveis de comentários por essa via, justamente por estarem dentro de películas escuras das relações sociais e de onde se pode ouvir a máxima popular: *Atrás de uma piada sempre existe um fundo de verdade.*

Devemos desconfiar desse “fundo de verdade” por, talvez, tratar-se de um estereótipo enraizado na memória discursiva dos sujeitos que, sem o saber ou sabendo, reverberam conceitos depreciativos sobre o *outro*. As piadas étnico-raciais, hoje, guardadas na memória, podem ser consideradas vestígios das relações conflituosas de grupos sociais em oposição. Elas denunciam a rejeição e fortalecem os estereótipos pelos quais o indivíduo se sente superior ao *outro*. Na atual sociedade brasileira, as piadas étnico-raciais e as piadas sobre minorias estão em vigilância. Atribuímos esse tipo de condição a dois fatores.

O primeiro é que essas piadas passaram a ter “autores” ou porta-vozes, e o segundo é que esses porta-vozes são focados por suas opiniões no universo midiático. Acontece que, seguindo o raciocínio de Vattimo (1992), à medida que os meios de comunicação de massa dilatam-se, tomam a palavra *minorias* antes emudecidas, e culturas e subculturas de toda parte estão em evidência na opinião pública. Nessa sociedade, caracterizada como complexa e caótica, de comunicação generalizada e de tomada de palavra, estão presentes às esperanças de emancipação.

É comum, portanto, ver esses porta-vozes se defenderem de acusações de racismo, preconceitos, homofobia e separando aquilo que é dito, daquele que dizem pensar. Também é comum identificar o sujeito social tomando o *ethos* discursivo, como a pessoa real. As piadas étnico-raciais ditas por porta-vozes identificáveis cujo alvo seja um compatriota, subexistem num cenário de policiamento, no entanto, o cinismo se revela quando o *outro* se encontra em grupos sociais minoritários. A consciência do ridente, neste caso, não aciona a alteridade.

Rir é inerente ao homem, o riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto

ridículo e de um sujeito que ri, ou seja, o homem. O riso, na visão de Propp (1992), é muito mais que um castigo ou um trote. Aquele que faz rir põe à luz todos os defeitos escondidos e, por não poder remendá-los, transforma-se numa espécie de condenado, aquele que ri se sente superior.

O *ethos* discursivo constituído em piadas étnico-raciais mostra, por meio de um fiador, um tom de superioridade, autoridade, sobre a identidade estereotipada de um grupo. Os mecanismos linguísticos e discursivos acionados pelo discurso de humor atribuem a esse grupo aspectos reprováveis moralmente, desviando a atenção do coenunciador para aspectos físicos, ou referentes ao corpo no que concerne ao seu rebaixamento e sua intimidade.

Se o humor é tido como crítico pela sociedade, podemos ser levados a imaginar que esse campo delinea a simulação de um *ethos* de autoridade, portanto veiculador de verdades. Desse modo, piadas étnico-raciais são nacos de discursos de autoridades outrora preconceituosas, que, hoje, mesmo que não conquistem a simpatia do mais desavisado cidadão, estão ainda agigantados nas consciências daqueles ainda simpáticos à mentalidade da superioridade social, étnica e racial. Logo, como assevera Maingueneau (2011, p. 72), “esses estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade” e, é claro, piadas e textos de humor.

O discurso humor, portanto, por meio de piadas constituem cenografias que validam enunciação em uma relação recíproca e põe em confronto, na constituição do *ethos*, as identidades em relação de oposição. É o *ethos*, em suma, que nos mostra o embate social, pelo menos para quem deseja vê-lo. Temos direito de negá-lo, recusá-lo, mas ‘processo’ de incorporação a que somos submetidos faz parte do contrato de comunicação com o qual fomos ‘coniventes’. A consciência moral aqui é a mesma insensibilidade que Bergson propõe ao risível, nem sempre somos capazes de acioná-la, sobretudo se tivermos em grupo.

### **Referências bibliográficas**

ARISTOTÉLES. *Retórica*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHARAUDEAU. P; MAIGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU. P. Des catégories pour l'humour? Question de Communication. *Nancy*, nº 10, Presses Universitaires de Nancy, 2006. p. 7-17.

CHARAUDEAU. P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In PIETROLUONGO, Márcia (Org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.

EGGS, Ekkhard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In AMOSSY R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 29-56.

GATTI, Marcos Antonio. “Gato escaldado morre”- provérbios alterados, ethos e humor. In MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 254-264.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução Freda Indusrk. 3ª ed. Campinas/SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírio Possenti, Maria Cecília Péres Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008c.

MAGALHÃES, Helena Maria Gramiscelli. *Aprendendo com humor: o gênero humor e o subgênero humor negro*. Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, anais do CELSUL, 2008.

MATTOS, Alexandre Magalhães de. *Piadas para quem tem um grande Q.I.* Rio de Janeiro: BAW Editoração de Livros Ltda, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. Ethos e corporalidade em textos de humor. In MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-156.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da Língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e Riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1985.

SILVA, Ivanildo. *Conheça o Show Viver de Rir - Humor sem imoralidade*: Disponível em: <<http://www.obrademaria.com.br>> Acesso 11 out.2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 6, n. 1, 1990. p. 55-82.

TRAVAGLIA, L. C. *Homonímia, mundos textuais e humor*. *Organon* 23, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995 p. 41-50.

## ***DISCOURSE AND HUMOR: THE CONSTITUTION OF ETHOS IN ETHNIC-RACIAL JOKES***

### **ABSTRACT**

*This article examines the constitution of ethos in discourse of humor in ethnic-racial jokes, from investigation of strategies linguistic-discursive influence to cause the effect of humor this kind of jokes. We select the studies of Raskin, Propp and Bergson on the notion of humor. Do such contributions mobilize knowledge, theories and analyzes that seek to question what is funny? How funny? However, we call the attention for the question: Why is funny? And your adverse: Why isn't funny? We privilege as a theoretical-methodological contribution the Discourse Analysis of its enunciative-discursive perspective, especially the category of discursive ethos, developed by Dominique Maingueneau. The results reveal the ethos is linking to the validate of discourse in ethnic-racial jokes. In constructing the self-image, the enunciator triggers, in and through the discourse, voice and body in relation of social opposition often stereotyped. The ethos can reveals a superior image incorporated to coenunciator, it can also reveals a victim image not always perceived to coenunciator, that is the target of scorn own.*

**Key words:** *Discourse. Ethos discursive. Humor.*

**Envio: Novembro/2016  
Aceito para publicação: Dezembro/2016**